

SÉRIE V . VOLUME 3

O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA, 2013

As placas de xisto gravadas da anta da Herdade da Lameira (Alto Alentejo, Portugal)

MARCO ANTÓNIO ANDRADE *

RESUMO

Este trabalho apresenta um conjunto de placas de xisto gravadas recolhidas num monumento megalítico alto-alentejano, designado como anta da Herdade da Lameira, e oferecidas ao Museu Nacional de Arqueologia em finais do século XIX. É referido que a herdade da Lameira se localiza na Aldeia da Mata, concelho do Crato – no entanto, localiza-se provavelmente no espaço administrativo do concelho de Alter do Chão. Assim, apresenta-se o estudo destas placas de xisto gravadas que mostram algumas características interessantes, integrando-as no contexto do Megalitismo alto-alentejano de acordo com as especificidades destes elementos.

Palavras-chave: Placas de xisto gravadas – Alto Alentejo – Megalitismo – Neolítico-Calcolítico.

ABSTRACT

This paper presents a set of engraved schist plaques collected in a megalithic monument in the North Alentejo region, designated as dolmen of Herdade da Lameira, and donated to the Portuguese National Archaeological Museum in the late 19th century. It is referred that the estate of Lameira is located in the parish of Aldeia da Mata, municipality of Crato – however, it is probably located in the administrative space of Alter do Chão. Thus, it is presented here the study of

* UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Grupo de Trabalho sobre as Antigas Sociedades Camponesas, Projecto Placa-Nostra); Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/86232/2012), e-mail: folha-de-acacia@iol.pt; marcoandrade@campus.ul.pt

these engraved schist plaques that show some interesting features, grouping them in the context of the Megalithism of North Alentejo according to their specific characteristics.

Keywords: Engraved schist plaques – North Alentejo – Megalithism – Neolithic-Chalcolithic.

1. ABRINDO...

Se há artefactos que justificam estudos individuais, mesmo tendo em conta a ausência de contexto genérico de recolha, esses artefactos são as placas de xisto gravadas. Com efeito, como a mais representativa manifestação artística do Sudoeste peninsular durante o Neolítico final e Calcolítico inicial, valem pela sua especificidade própria dentro do registo arqueográfico das antigas comunidades camponesas – sendo o seu estudo legitimado pelo seu valor iconográfico e artístico intrínseco, valendo não só para o estudo da Arqueologia, como também para o estudo da História da Arte.

Neste contexto, são aqui estudadas as placas de xisto gravadas recolhidas na anta da Herdade da Lameira, um monumento alto-alentejano incluído no designado grupo megalítico de Crato/Nisa. Foi-me permitido estudar este espólio no âmbito da Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada em 2009 à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. No entanto, não se incluiu a sua análise naquele trabalho – dado encontrar-se aparentemente fora do âmbito geográfico do mesmo. Relegou-se assim para outro local o seu estudo, sendo os resultados aqui apresentados.

Agradece-se neste sentido ao então diretor do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. Luís Raposo, pela autorização de análise deste espólio, assim como a Luísa Guerreiro e Luís Antunes pelo apoio prestado no estudo do mesmo. Agradece-se ainda a Rui Boaventura pela atenciosa cedência da fotografia inédita da placa de xisto pertencente ao acervo do Museu Municipal da Figueira da Foz e o conseqüente aval para a sua reprodução.

2. A ANTA DA HERDADE DA LAMEIRA: A RECUPERAÇÃO POSSÍVEL DOS CONTEXTOS DE RECOLHA.

É referido que estas placas de xisto gravadas são provenientes de um monumento megalítico localizado próximo de Aldeia da Mata, concelho do Crato – designado como anta da Herdade da Lameira (CNS 4301). Apesar de aparentemente se encontrar numa área rica em manifestações megalíticas (lembramos que, entre outras, as antas de Tapadão 1 e Penedos de São Miguel se encontram a escassos quilómetros a Este de Aldeia da Mata), não existe certeza da existência concreta deste monumento.

Com efeito, G. e V. Leisner não avançam localização para este monumento, referindo genericamente: «Anta da Lameira, Freguesia da Chancelaria. Localização: a Herdade da Lameira situa-se a cerca de 10 km a oeste do Crato; o Monte da Lameira localiza-se a cerca de 4 km a Oeste-Sudoeste de Aldeia da Mata. Posição exata e forma do monumento desconhecidos (Chancelaria = Alter do Chão)» (Traduzido por alto de Leisner e Leisner, 1959, p. 31.)

Da mesma maneira, A. F. Isidoro (1962) também não menciona este monumento, referenciando apenas três monumentos na área de Aldeia da Mata – designadamente Tapadão 1, Tapadão 2 e Clara Domingas, já distantes da área onde presumivelmente se localizaria o monumento da Lameira.

Por outro lado, existem também algumas dúvidas em relação à localização administrativa do monumento (como já o haviam notado G. e V. Leisner). Regista-se, com efeito, o topónimo Lameira a cerca de 4 km SW de Aldeia da Mata – localizando-se, contudo, no concelho de Alter do Chão. Situar-se-ia, assim e provavelmente, no interflúvio Ribeira dos Pegos-Ribeira das Cujanças, afluentes da margem direita da Ribeira de Seda, numa área caracterizada por uma paisagem levemente ondulada com alguns relevos residuais. Contudo, também nesta área do concelho de Alter do Chão não se encontra referenciado qualquer monumento megalítico (Isidoro, 1966), à semelhança do que se referiu para a área contígua do concelho do Crato.

Da mesma maneira, esta área não coincide com qualquer concentração megalítica conhecida,

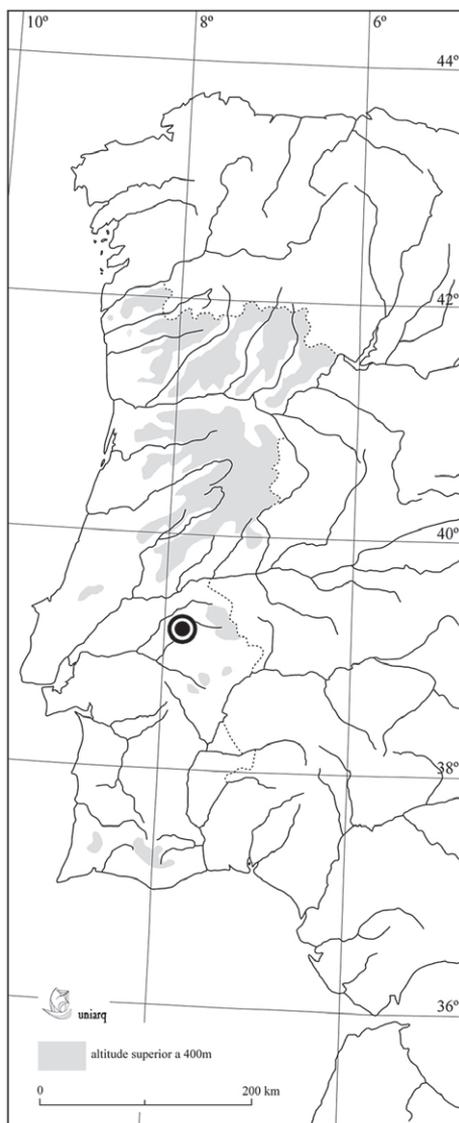


Fig. 1 – Situação da anta da Herdade da Lameira no Extremo Ocidente peninsular.

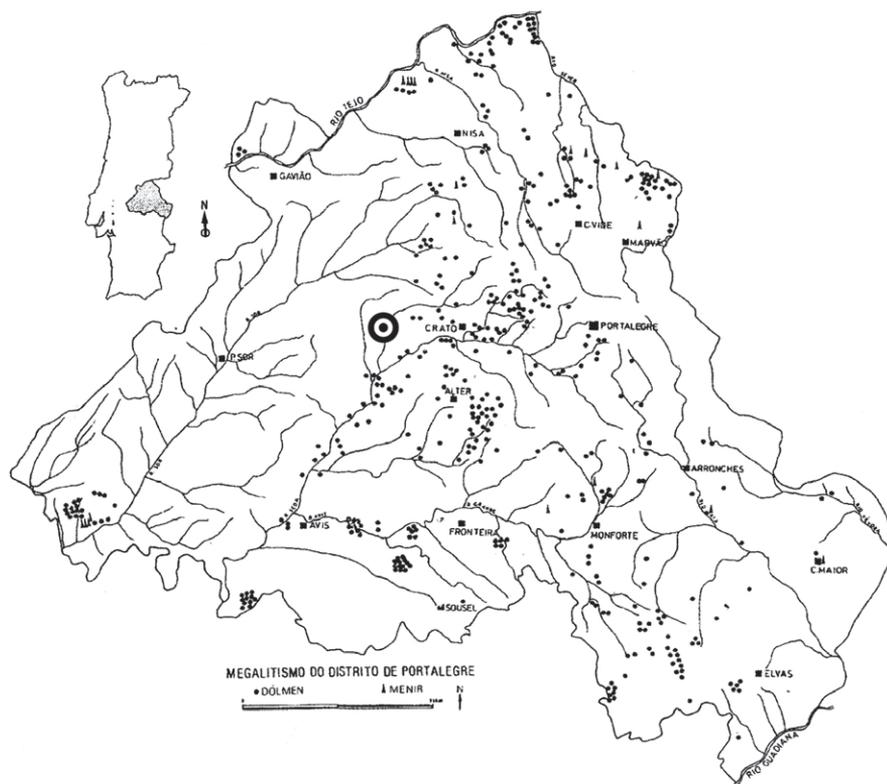


Fig. 2 – Situação provável da anta da Herdade da Lameira no contexto do Megalitismo alto-alentejano (adaptado de Oliveira e Oliveira, 2000, Est. 1).

afastando-se assim dos principais núcleos megalíticos já identificados na área do Crato e Alter do Chão. No entanto, não se poderá excluir a hipótese de se tratar de um monumento isolado na paisagem – realidade que se confirmou coexistir com o agrupamento de monumentos nesta área regional (Andrade, 2009; 2011; 2013).

Quanto à presença destas placas de xisto gravadas no acervo do Museu Nacional de Arqueologia, estas terão sido aqui integradas por doação em finais do século XIX. Refere J. L. de Vasconcellos: «O Sr. Gouveia Hortas, de Aldeia da Mata (Crato), enviou para o Museu como oferta [...] quatro placas de schisto ornamentadas (prehistoricas), achadas na anta da herdade da Lameira» (Vasconcellos, 1896, p. 246), não havendo menção a que quaisquer outros artefactos acompanhassem estes elementos.

Contudo, terão sido recolhidas durante uma «escavação» efetiva, possivelmente realizada ou promovida pelo donatário, como se atesta pelas marcas da ferramenta pesada utilizada para escavar, visíveis nas placas MNA 8118 e 8220.

J. L. Vasconcellos refere mais adiante que este mesmo Sr. Gouveia Hortas «permite, com maior generosidade ao director do Museu Ethnographico a exploração da referida anta, e este procederá a ella na primeira ocasião disponível»

(Vasconcellos, 1896, p. 246). No entanto, não existe referência a que tenha cumprido esta expectativa.

Por outro lado, poder-se-á sugerir que quem pertenceria à «Aldeia da Mata (Crato)» seria o Sr. Gouveia Hortas, e não o monumento propriamente dito. Será, contudo, questão a que futuros trabalhos de campo procurarão responder.

Existe ainda um quinto exemplar, oferecido a A. Santos Rocha e pertencente ao acervo do Museu Municipal da Figueira da Foz – sendo referenciada, tal como as presentes no MNA, como proveniente de «Anta da Lameira, Crato» (Leisner e Leisner, 1959, p. 31; ilustrada em Taf. 6; igualmente apresentada em Rocha, 1908). Pela sua especificidade, e apesar de não se ter tido acesso direto a este exemplar, o seu estudo será igualmente incluído neste trabalho, recorrendo-se a fotografia inédita da autoria de Rui Boaventura para desenho e definição dos seus atributos e principais medidas de referência.

Conhece-se também a existência de, pelo menos, outras três placas, recolhidas na área onde supostamente se localizaria este monumento durante o plantio de eucaliptos (Parreira, 1996). Desta maneira, teríamos um número mínimo de cerca de sete placas de xisto gravadas teoricamente atribuíveis à anta da Herdade da Lameira. Desconhece-se, contudo, as características específicas destes últimos exemplares – aos quais não se teve acesso, dado encontrarem-se na posse de particulares.

3. AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DA ANTA DA HERDADE DA LAMEIRA: DESCRIÇÃO MORFOTIPOLOGICA.

Como referido, as placas de xisto gravadas da Herdade da Lameira presentes no MNA encontram-se referenciadas em quatro elementos, qualquer um deles usando o xisto ardósiano como suporte. Têm as referências MNA 8218 a 8221.

A placa de xisto gravada presente no MMFF utiliza igualmente xisto ardósiano como suporte, estando referenciada como MMFF 8326.

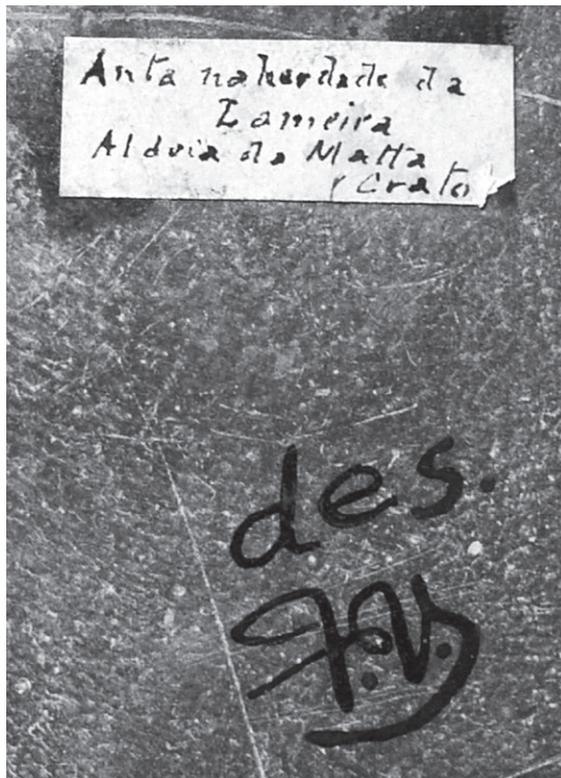


Fig. 3 – Etiqueta aposta no verso da placa MNA 8221, referindo a proveniência «Anta na herdade da Lameira, Aldeia da Mata (Crato)». Apresenta igualmente a rubrica de Francisco Valença, indicando ter sido desenhada por este ilustrador.

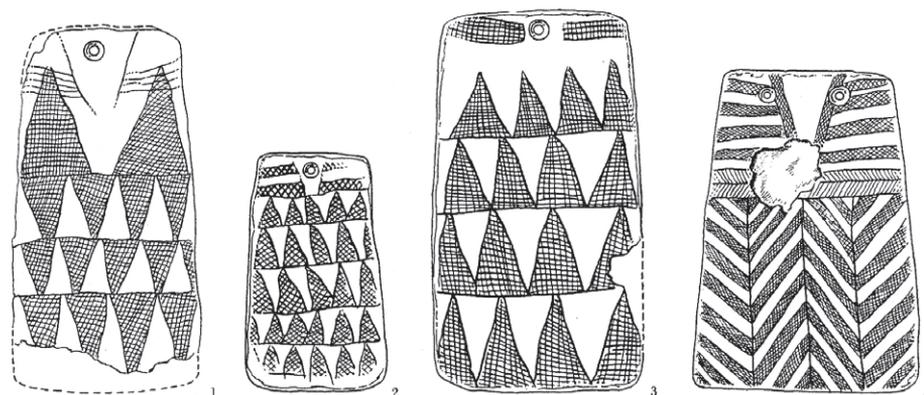


Fig. 4 – As placas de xisto gravadas da Herdade da Lameira, segundo G. e V. Leisner (1959, Taf. 6). Da esquerda para a direita, as placas MMFF 8326, MNA 8221, MNA 8218 e MNA 8220.

Ref.	MP	Forma	Motivo dominante do Corpo	Composição da Cabeça	Perfs.
MNA 8218	Xisto	Retangular	Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima.	Faixas horizontais preenchidas.	1TC
MNA 8219	Xisto	Trapezoidal	Faixas ziguezagueantes compartimentadas.	Faixas obliquas preenchidas.	1C
MNA 8220	Xisto	Trapezoidal	Faixas ziguezagueantes compartimentadas.	V central ladeado por faixas horizontais preenchidas.	2BTC
MNA 8221	Xisto	Retangular	Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima.	V central ladeado por faixas horizontais preenchidas.	1C
MMFF 8326	Xisto	Retangular	Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para baixo.	V central ladeado por linhas horizontais e triângulos preenchidos com o vértice para cima.	1TC?

Quadro 1 – Placas de xisto gravadas: características gerais e motivos dominantes

MNA 8218

Apresenta recorte subretangular, com uma altura média de 17,9 cm, para uma largura de 9,7 cm na base e 8,9 cm no topo. A Cabeça apresenta uma altura de 2,3 cm (medida no topo da primeira banda de triângulos do Corpo), sendo a sua decoração formada por duas faixas horizontais preenchidas (uma faixa em cada lado) partindo dos bordos da placa para a perfuração. Não apresenta separador Cabeça/Corpo, não havendo clara divisão física entre ambos espaços.

O motivo dominante do Corpo (apresentando este cerca de 15,6 cm de altura) são as bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima dispostos em quatro bandas com quatro triângulos cada (variando a altura destas bandas entre os 3,5 cm e os 4 cm). A espessura média desta placa é de cerca de 0,8 cm, apresentando perfuração troncocónica com 1 cm de diâmetro na face e 0,4 cm no

verso. Trata-se, segundo o Índice de Alongamento, de uma placa média – oferecendo um índice de 1,85.

A composição da Cabeça corresponde a um modelo conhecido das placas de xisto gravadas alto-alentajanas (sendo objeto de discussão adiante). O preenchimento dos motivos decorativos do Corpo dispõe-se em retícula de malha larga, aparentemente pouco cuidada – o que parece ser característico deste tipo de placas.

Apresenta, no bordo direito, fratura resultante da ação de ferramenta pesada (lâmina de picareta).

MNA 8219

Apresenta recorte subtrapezoidal, com uma altura média de 16,6 cm, para uma largura de 10,7 cm na base e 7 cm no topo. A Cabeça apresenta uma altura de 4,7 cm, sendo a sua decoração formada por faixas oblíquas-verticais preenchidas (três em ambos lados, compondo as faixas interiores a «Cabeça dentro da Cabeça») convergindo dos bordos da placa para o separador Cabeça/Corpo (formado por linha simples).

O motivo dominante do Corpo (apresentando este cerca de 11,9 cm de altura) são as faixas zig-zagueantes compartimentadas em quatro campos – composto por quatro faixas principais rematadas por faixas truncadas no topo e na base do Corpo (colmatando possíveis espaços vazios nestas áreas). A espessura média desta placa é de cerca de 0,8 cm, apresentando perfuração cilíndrica com 0,6 cm de diâmetro na face e 0,4 cm no verso.

Trata-se, segundo o Índice de Alongamento, de uma placa média – oferecendo um índice de 1,55.

Apresenta gravação cuidada, atendendo à simetria dos motivos representados – correspondendo àquilo que se pode designar como uma placa «clássica».

MNA 8220

Apresenta recorte subtrapezoidal, com uma altura média de 14,7 cm, para uma largura de

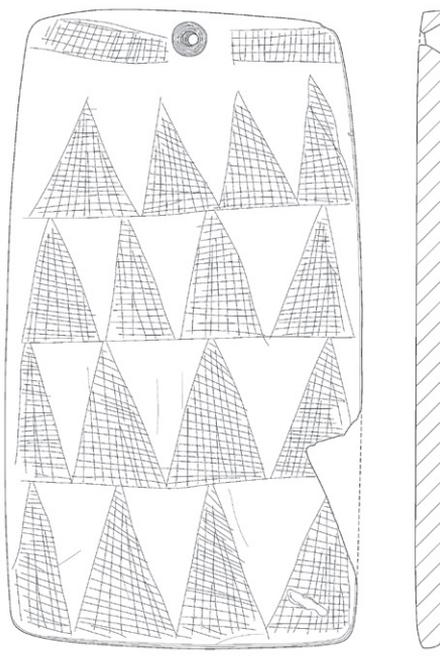


Fig. 5 – A placa de xisto gravada MNA 8218.

Lameira
MNA 8218

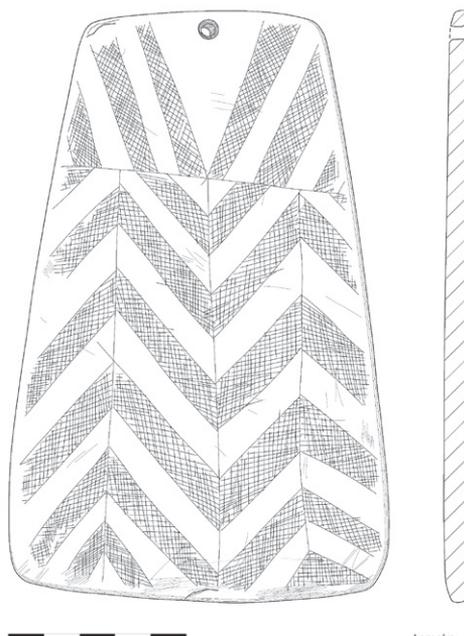


Fig. 6 – A placa de xisto gravada MNA 8219.

Lameira
MNA 8219

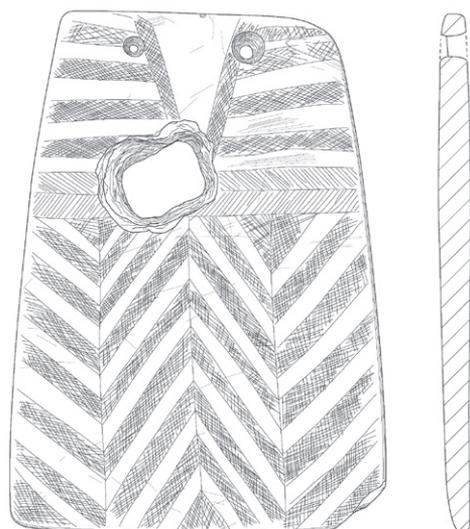


Fig. 7 – A placa de xisto gravada MNA 8220.

10,6 cm na base e 7,9 cm no topo. A Cabeça apresenta uma altura de 4,5 cm, sendo a sua decoração formada por faixas horizontais preenchidas (quatro em ambos lados), convergindo dos bordos da placa para o V central (a «Cabeça dentro da Cabeça», formada por duas faixas convergentes preenchidas).

O separador Cabeça/Corpo, com 1,2 cm de altura, é formado por uma banda compartimentada «em espinha» (disposta no sentido esquerda-direita). O motivo dominante do Corpo (apresentando este cerca de 9 cm de altura) são as faixas zigzagueantes compartimentadas em quatro campos – composto por quatro faixas principais às quais se associam faixas de colmatação (formando triângulos aquelas localizadas no topo e na base do Corpo). A espessura média desta placa é de cerca de 0,9 cm, apresentando dupla perfuração bi-troncocónica com 0,6 cm de diâ-

metro na face e 0,4 cm no verso (perfuração esquerda) e com 0,9 cm de diâmetro na face e 0,7 cm no verso (perfuração direita). Trata-se, segundo o Índice de Alongamento, de uma placa média – oferecendo um índice de 1,39.

Apresenta gravação extremamente cuidada, atendendo à rigorosa simetria dos motivos representados, dispostos proporcionalmente no suporte e preenchidos com retícula de malha apertada. A dupla perfuração fortalece o seu carácter antropomórfico, tendo sido notoriamente realizada posteriormente à gravação dos motivos decorativos (já que os corta). Exibe ainda um ensaio de perfuração no verso.

Apresenta, na área central da metade superior, fratura resultante da ação de ferramenta pesada (bico de picareta).

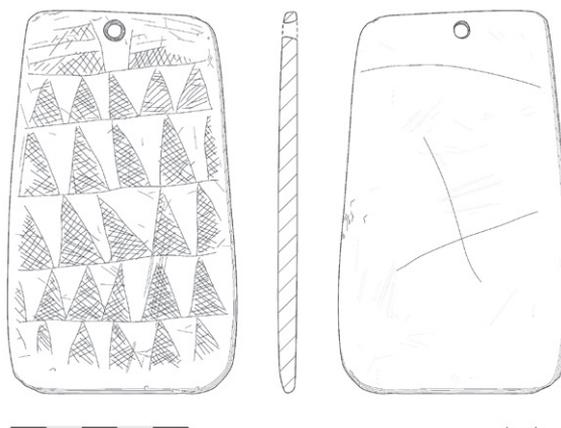
MNA 8221

Apresenta recorte subretangular, com uma altura média de 10,8 cm para uma largura de 6,3 cm na base e 5,4 cm no topo. A Cabeça, com 1,7 cm de altura, apresenta decoração composta por faixas horizontais preenchidas (duas em ambos lados) convergindo dos bordos da placa para o V central (a «Cabeça dentro da Cabeça», neste caso de feição trapezoidal).

A decoração do Corpo (que apresenta 9,1 cm de altura) compõe-se por bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima dispostos em cinco bandas. Estas bandas (com alturas entre os 1,4 cm e os 2 cm), apresentam a seguinte composição de triângulos: 5-5-5-6-6, estando truncados os triângulos das bandas 2 (bordo direito), 3, 4, 5 e 6 (bordo esquerdo). A espessura média desta placa é

de cerca de 0,6 cm, apresentando perfuração cilíndrica com 0,6 cm de diâmetro na face e 0,5 cm no verso. Trata-se, segundo o Índice de Alongamento, de uma placa média – oferecendo um índice de 1,71.

Trata-se de uma placa de pequenas dimensões, apresentando uma gravação pouco cuidada (tendo em conta os níveis de linearidade e a conformidade dos motivos), registando ainda vestígios de polimento posterior à decoração no extremo direito do topo e na base. No verso apresenta um traço sensivelmente horizontal à altura da Cabeça (ensaio de gravação?) e duas linhas cruzadas na área mesial (um género de cruciforme, não se percebendo se é intencional a sua gravação).



Lameira
MNA 8221

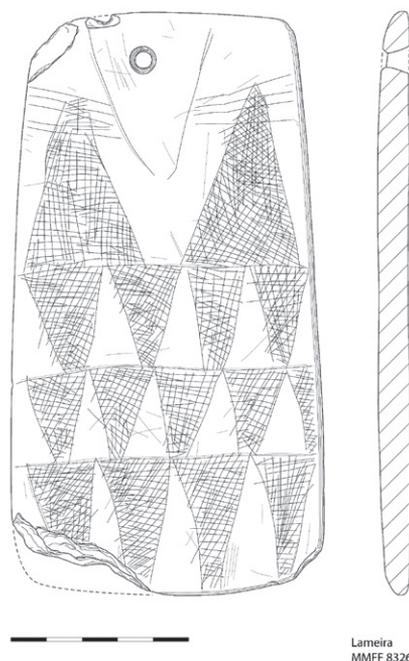
Figura 8 – A placa de xisto gravada MNA 8221.

MMFF 8326

Apresenta recorte subretangular, com uma altura média de 16,5 cm para uma largura de 8,9 cm na base e 7,5 cm no topo. A Cabeça, com 6,1 cm de altura, apresenta decoração composta por linhas sensivelmente horizontais (quatro no lado direito, cinco no lado esquerdo) convergindo dos bordos da placa para o V central (a «Cabeça dentro da Cabeça», composta por duas linhas formando trapézio aberto). Adoçados ao separador Cabeça/Corpo, encontram-se em ambos lados dois grandes triângulos preenchidos com o vértice para cima, não acoplados (interpretados como ainda incluídos no espaço da Cabeça).

A decoração do Corpo (que apresenta 9,3 cm de altura) compõe-se por bandas de triângulos preenchidos com o vértice para baixo dispostos em três bandas. Estas bandas (com alturas entre os 2,6 cm e os 4,7 cm) apresentam a seguinte composição de triângulos: 4-5-4, estando truncado o triângulo da banda 2 junto ao bordo direito.

A espessura média desta placa é de cerca de 0,9 cm, apresentando perfuração troncocónica com 0,8 cm de diâmetro na face e 0,6 cm no verso. Trata-se, segundo



Lameira
MMFF 8326

Fig. 9 – A placa de xisto gravada MMFF 8326 (desenhado sobre fotografia de Rui Boaventura; secção longitudinal sobre desenho do mesmo autor).

o Índice de Alongamento, de uma placa média – oferecendo um índice de 1,85.

Encontra-se fraturada no topo (canto superior esquerdo) e na base (canto inferior esquerdo). Tal como na placa MNA 8218, a composição da Cabeça corresponde em certa medida a um modelo conhecido das placas de xisto gravadas alto-alentejanas (sendo igualmente objeto de discussão adiante).

Ref.	Est.	Nº Perfs.	Alt	Alt. Cb	Alt. Sp	Alt. Cp	LB	LT	IA	DPF	DPV	Esp.
MNA 8218	Int.	1	17,9	2,3	/	15,6	9,7	8,9	1,85	1	0,4	0,8
MNA 8219	Int.	1	16,6	4,7	/	11,9	10,7	7	1,55	0,6	0,4	0,8
MNA 8220	Int.	2	14,7	4,5	1,2	9	10,6	7,9	1,39	0,6/0,9	0,4/0,7	0,9
MNA 8221	Int.	1	10,8	1,7	/	9,1	6,3	5,4	1,71	0,6	0,5	0,6
MMFF 8326	Int.	1	16,5	6,1	/	9,3	8,9	7,5	1,85	0,8	0,6	0,9

Quadro 2 – Placas de xisto gravadas: principais medidas de referência

Legenda: *Alt*: Altura medida num ponto central, em cm; *AltCb*: Altura da Cabeça, em cm; *AltSp*: Altura do Separador Cabeça/Corpo, em cm; *AltCp*: Altura do Corpo, em cm; *LB*: Largura da Base, em cm; *LT*: Largura do Topo; *IA*: Índice de Alongamento (Comprimento/Largura da base): alongado (>2), médio (2-1), curto (<1); *DPF*: Diâmetro da Perfuração da Face; *DPV*: Diâmetro da Perfuração no Verso; *Esp*: Espessura média.

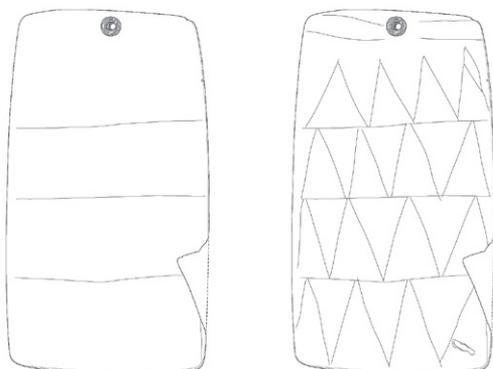


Figura 10 – Paginação estruturante da placa de xisto gravada MNA 8218.

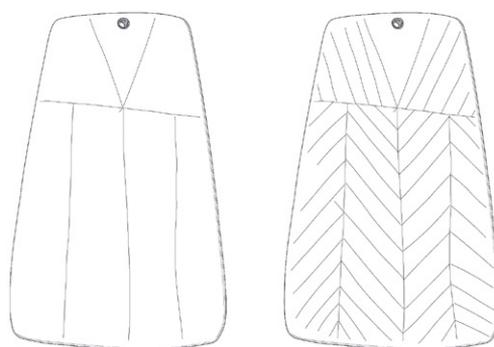


Figura 11 – Paginação estruturante da placa de xisto gravada MNA 8219.

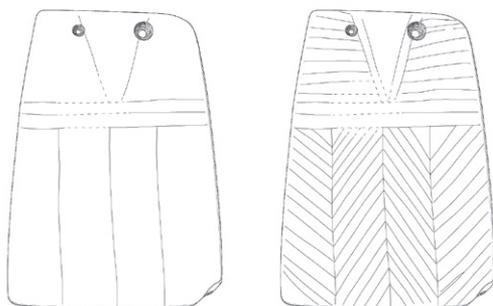


Figura 12 – Paginação estruturante da placa de xisto gravada MNA 8220.



Figura 13 – Paginação estruturante da placa de xisto gravada MNA 8221.

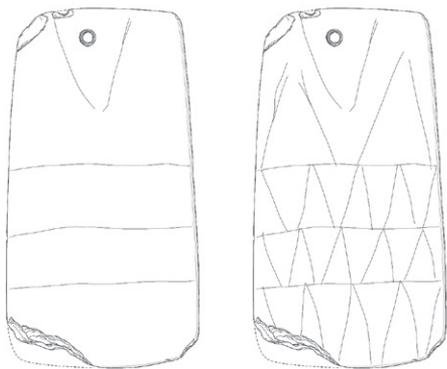


Fig. 14 – Paginação estruturante da placa de xisto gravada MMFF 8326.



Fig. 15 – A placa de xisto gravada MNA 8218.

Fig. 16 – A placa de xisto gravada MNA 8219.



Fig. 17 – A placa de xisto gravada MNA 8220.

Fig. 18 – A placa de xisto gravada MNA 8221.

Fig. 19 – A placa de xisto gravada MMFF 8326 (fotografia inédita de Rui Boaventura).



Fig. 20 – Pormenor da Cabeça das placas de xisto gravadas MNA 8218, 8219, 8220 e 8221.



Fig. 21 – Pormenor da Cabeça da placa de xisto gravada MMFF 8326 (a partir de fotografia inédita de Rui Boaventura).

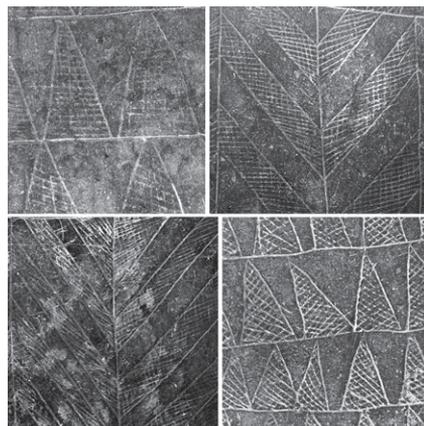


Fig. 22 – Pormenor do Corpo das placas de xisto gravadas MNA 8218, 8219, 8220 e 8221.

4. AS OBSERVAÇÕES POSSÍVEIS: AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DA ANTA DA HERDADE DA LAMEIRA NO CONTEXTO DO MEGALITISMO ALTO-ALENTEJANO.

Apesar de ser largamente conhecida a dimensão territorial do Megalitismo alto-alentejano, o diagrama cronocultural em que este se enquadra ainda se encontra deficientemente caracterizado – principalmente devido à escavação precoce de muitos dos monumentos que o compõem, sobretudo na área fulcral do Crato. Com efeito e como já referido, os trabalhos de R. Parreira (1996), úteis a nível da definição do impacto do fenómeno megalítico na paisagem, deveriam ser complementados com um estudo rigoroso do espólio recolhido por A. F. Isidoro (1965-66; 1967-68; 1970; 1971; 1973; 1975).

Contam-se, contudo, com os trabalhos realizados na área genérica da bacia hidrográfica do Rio Sever (Oliveira, 1998, p. 2012), na área específica da Coudearia de Alter do Chão (Oliveira, 2006) e na necrópole megalítica de Rabuge (Boaventura, 2006). Estes trabalhos permitiram, e em concreto no que a este estudo particular diz respeito, a realização de uma série de datações que consentem a definição (ainda assaz deficitária, é certo) do diagrama cultural da evolução do Megalitismo no Alto Alentejo.

Temos, desta maneira, um primeiro «momento megalítico» centrado na segunda metade do 4.º milénio a.n.e., caracterizado por sepulturas «proto-megalíticas» e pequenos monumentos de corredor curto, com mobiliários votivos compostos por escassos ou inexistente recipientes cerâmicos, geométricos sobre lâmina e machados de secção circular e corpo picotado. Um segundo «momento megalítico», correspondente já à transição do 4.º para o 3.º milénio a.n.e. (e primeiros séculos deste), caracteriza-se por monumentos de corredor

médio e longo com espólios compostos pela associação entre abundante cerâmica (destacando-se, nesta área regional, os vasos carenados de *tipo Crato/Nisa*), pontas de seta de retoque bifacial cobridor, placas de xisto gravadas e placas de grés lisas ou esculpidas.

Monumento	Ref. Lab.	Contexto	Amostra	Anos BP	Cal BC 2σ*	Ref. Biblio.
Courelheiros 4	ICEN-976	Base Cr	Carvões	4240±150	3338-2471	Oliveira, 1998
Bola de Cera	ICEN-66	Base Cm	Ossos	4360±50	3264-2887	Oliveira, 1998
Horta	Beta-194313	Cm	Osso humano	4390±50	3325-2900	Oliveira, 2006
Horta	Beta-194312	Cr	Osso humano	4190±50	2898-2627	Oliveira, 2006

Quadro 3 – Datações ¹⁴C para monumentos com placas de xisto gravadas no Alto Alentejo

* Datações recalibradas em 2013 com recurso ao programa Calib 7.0.1 (© M. Stuiver e P. J. Reimer, 2013), utilizando a curva IntCal13.14c (Reimer et al., 2013, *Radiocarbon* 55: 4). Intervalo 2σ com 95,4% de probabilidade.

Estando assim sensivelmente bem delimitado o contexto cronocultural em que este conjunto se insere (entre o último quartel do 4.º milénio e o primeiro quartel do 3.º milénio a.n.e.), e não dispondo de outros elementos de análise efetiva, resta-nos pois a avaliação despreziosa das características específicas destas placas de xisto gravadas – de modo a incluir a anta da Lameira no seu contexto cronológico e regional.

No espaço administrativo do Crato, e pela leitura dos textos de A. F. Isidoro (1965-66; 1967-68; 1970; 1971; 1973; 1975), encontram-se placas de xisto gravadas (ou placa de grés cronoculturalmente coevas) nos seguintes monumentos: Tapadão 1 (duas placas de xisto, uma das quais fenestrada, e um báculo), Couto de Enchares (duas placas de xisto, uma das quais antropomórfica, e um báculo), Couto de Andreiros 2 (uma placa de xisto fenestrada, uma placa de grés esculpida e uma placa de grés lisa), Tapada de Canchos (uma placa de grés esculpida), Couto de Biscaia 1 (11 placas de xisto, uma das quais com Olhos de Sol), Tapada da Laje de Peles (três placas de xisto, uma das quais antropomórfica, e três fragmentos de outras), Tapada das Moses (três placas de xisto, uma das quais antropomórfica), Couto de Vale Magro (sete placas de xisto, uma das quais antropomórfica, e três fragmentos de outras), Dacosta 1 (uma placa de grés lisa), Dacosta 2 (oito placas de xisto, uma das quais com «falsos olhos» e outra gravada com motivo radiante), Zambujeira 2 (uma placa de xisto com «falsos olhos») e Vale da Anta 1 (uma placa de grés lisa).

Surgem também nos monumentos de Coutada de Barros 1 (Leisner e Leisner, 1959), Penedos de São Miguel (Gonçalves et al., 1981; 1983-84), Romeiras e Ferrenha (Gonçalves e Andrade, 2014) – recolhendo-se ainda espólio cronoculturalmente coevo em Couto de Andreiros 1, estando contudo ausentes as placas de xisto gravadas (Isidoro, 1967-68). No espaço limítrofe do concelho de Alter do Chão, encontram-se somente (devido à carência efetiva de trabalhos de

escavação) nos monumentos de Monte Redondo (Vasconcellos, 1927-29) e Horta (Oliveira, 2006) – para além do desconhecido monumento designado como *anta de Alter do Chão* (Andrade, 2014).

Trata-se, genericamente, de antas de arquitetura «evoluída», algumas de Corredor longo – não sendo assim de estranhar a presença destes elementos tendo em conta o contexto cronológico da sua construção e utilização. Monumentos mais «arcaicos», como Couto de Algarves 2 (Rocha, 2002), quase «protomegalítico», fornecem espólio arcaico composto por alguns, escassos, elementos líticos (lâminas não retocadas e geométricos).

Noutra vertente de análise e atendendo especificamente à iconografia das placas de xisto gravadas, não estaríamos incorretos se afirmássemos que, em rigor, não existem duas placas iguais – na medida em que estes artefactos primam sobretudo pela sua especificidade. No entanto, seríamos obrigados a acrescentar que existem placas muito idênticas. Quero com isto dizer que certas placas apresentam uma evidente uniformidade conceptual que, como já dito, não poderá ser explicada pelo mero acaso. Para além desta óbvia uniformidade conceptual, quando o estilo decorativo e o tipo de gravação são idênticos entre várias placas, penso que poderemos excluir o acaso conceptual, em que fatores semelhantes resultassem em efeitos semelhantes em locais diversos.

As placas de xisto gravadas da anta da Lameira vêm pois reafirmar a existência de correntes de circulação e áreas de influência comum – neste caso concreto, não só da ideia, como também dos próprios artefactos. No contexto deste estudo, e tendo em conta o que acima se afirmou, duas placas merecem especial discussão: são elas as placas MNA 8218 e MMFF 8326. Com efeito, os restantes exemplares referem-se a elementos de certa forma clássicos no contexto iconográfico das placas de xisto gravadas – destacando-se, todavia, a placa MNA 8220, profusamente gravada obedecendo a uma conceção de simetria estrita, conferindo-lhe a dupla perfuração uma ideia subtil de antropomorfismo.

As placas MNA 8218 e MMFF 8326 permitem, contudo, outro tipo de observações. Trata-se de placas que, atendendo a certas particularidades dos seus motivos decorativos, poderão ser referidas como placas tipicamente alto-alentejanas – esta atribuição geográfica é essencialmente determinada pela dispersão de exemplares coetâneos a nível iconográfico. No entanto, é conhecida a presença de exemplares similares noutros grupos megalíticos do Sudoeste peninsular, sendo esta a condição causal para, como referido acima, as placas de xisto gravadas aqui estudadas reafirmarem a existência de correntes de circulação e áreas de influência comum.

A placa MNA 8218 apresenta a típica Cabeça curta característica de alguns exemplares alto-alentejanos, formada por duas bandas preenchidas em ambos os lados, convergindo para a perfuração central, não estando delimitada a separação entre a Cabeça e o Corpo. Encontra paralelos diretos, dentro do espaço geográfico

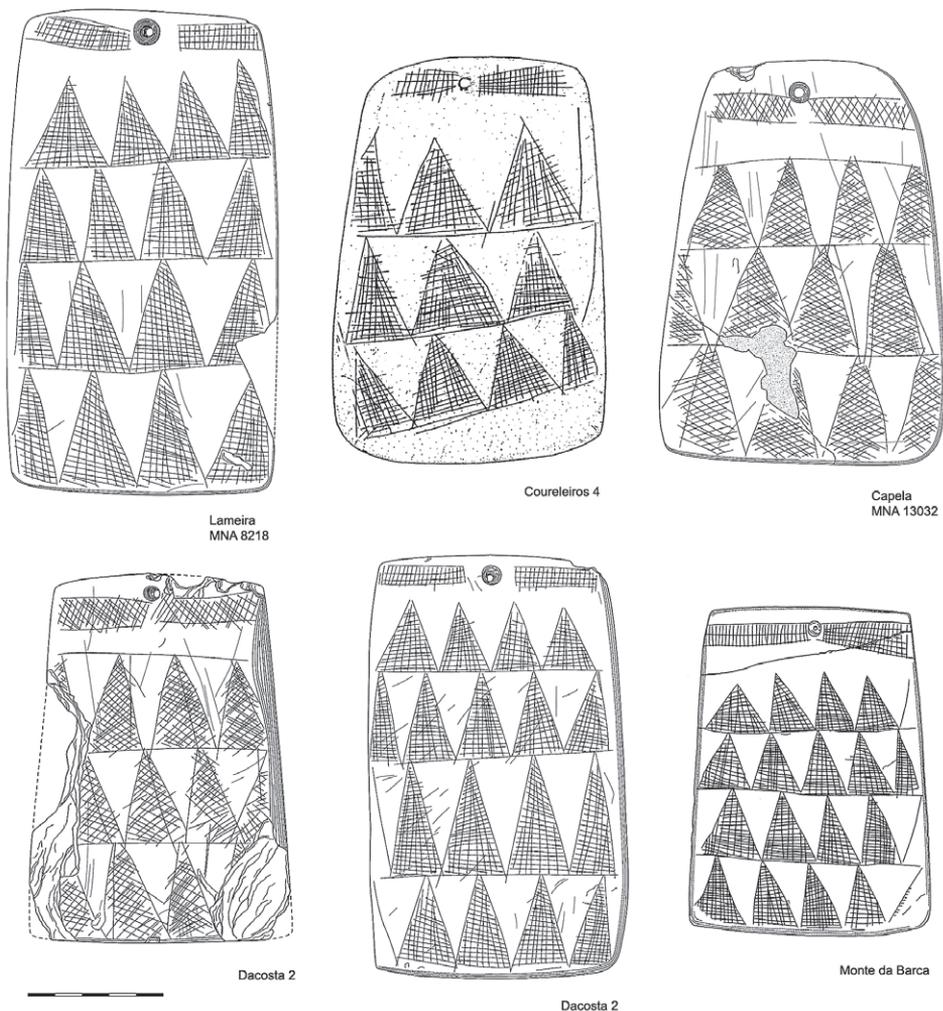


Fig. 23 – Placas de xisto gravadas morfologicamente semelhantes à placa MNA 8218 da Herdade da Lameira (1). 2: Coureleiros 4 (adaptado de Oliveira, 2012, p. 258); 3: Capela (MNA 13032); 4: Dacosta 2 (desenhado a partir de Isidoro, 1973, fig. 19); 5: Dacosta 2 (desenhado a partir de Isidoro, 1973, fig. 16); 6: Monte da Barca (adaptado de Gonçalves, 2011, p. 56, fig. 2.5).

do Megalitismo alto-alentejano, nos monumentos de Coureleiros 4 (Castelo de Vide), Couto da Biscaia 1 e Dacosta 2 (Crato) – e, fora deste, no singular contexto funerário de Monte da Barca (Coruche). É particularmente curiosa a similitude entre o exemplar da anta da Lameira e um dos exemplares de Dacosta 2 (apresentada na fig. 23:5 deste estudo), similitude esta evidenciada nas especificidades do estilo decorativo, nas particularidades da gravação e nas próprias características geológicas do suporte.

Uma outra variante deste tipo de placas pode ser encontrada igualmente nas antas de Dacosta 2 (Crato) e Capela (Avis), sendo que divergem dos exemplares

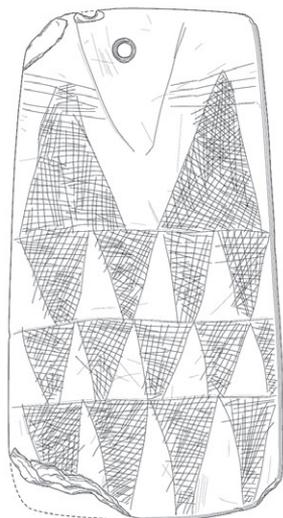
enunciados acima por apresentarem uma separação nítida entre a Cabeça e o Corpo, indicada por um traço simples. Refira-se que a placa da anta da Capela foi erradamente desenhada por G. e V. Leisner, sendo as duas faixas que compõem a Cabeça representadas como uma única faixa contínua quando na verdade estão visivelmente apartadas (cf. Leisner e Leisner, 1959, Taf. 15, comparando com a fig. 23:3 apresentada neste estudo).

A placa MMFF 8326, apresentando-se como um exemplar notável no âmbito do estudo genérico das placas de xisto gravadas, permite outro tipo de considerações – seja pela excecionalidade dos seus motivos decorativos, seja pelo seu círculo de dispersão no contexto do Megalitismo do Sudoeste peninsular. Encontra paralelos diretos (já evidenciados em Caninas e Henriques, 1994) nos monumentos de Charneca das Vinhas (Vila Velha de Ródão), Terras da Azinheira (Nisa), São Gens 2 (Nisa), Castelo de Vide, Cabeço (Castelo de Vide) e Couto de Biscaia 1 (Crato).

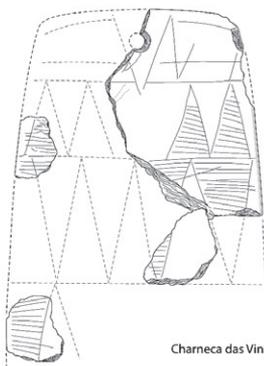
Em qualquer uma destas placas são facilmente reconhecíveis três atributos iconográficos específicos. Os segmentos de círculo que partem do V central poderão corresponder à representação de arcadas supraciliares ou sobranceiras (aparentemente duplicadas numa das placas da anta de Couto da Biscaia 1). O V central, ocupando precisamente lugar fundamental na composição (e tendo em conta o conjunto iconográfico e seus paralelos), poderá corresponder à representação de nariz. Daqui partem três traços sensivelmente horizontais (quatro, no caso da placa da anta da Lameira) que correspondem à óbvia representação de pinturas/tatuagens faciais. Os olhos encontram-se apenas sugeridos pela dupla perfuração da placa da anta de Terras da Azinheira, ocupando o espaço fisionómico respetivo. Na placa da anta da Lameira não se encontram contudo representadas as arcadas/sobranceiras, estando presente qualquer um dos restantes elementos (excetuando a dupla perfuração).

Destaque-se ainda o caso particular de Castelo de Vide, objeto de reaproveitamento por meio de entalhes cavados no terço superior, conferindo-lhe um contorno eminentemente antropomórfico (cf. Gonçalves et al., 2003, a propósito do reaproveitamento de placas de xisto gravadas). Refira-se, ainda a respeito desta placa, o flagrante erro de desenho de G. e V. Leisner (facto que tem vindo a revelar-se lamentavelmente frequente, abalando o já lendário rigor do casal alemão), não sendo representados tanto o V central como os segmentos de círculo que partem deste e que correspondem às arcadas supraciliares/sobranceiras (cf. Leisner e Leisner, 1959, Taf. 3; aqui desenhada a partir de fotografia do exemplar e representada nas figs. 24:5 e 6).

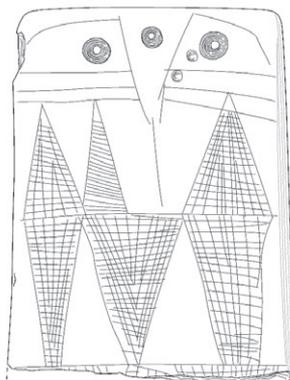
Os motivos iconográficos referidos acima encontram variâncias nas placas das antas do Cabeço (Castelo de Vide), Tapadão das Relvas (Castelo de Vide), Tapada da Laje das Peles (Crato), Antões 3 (Mora) e Vale Beiró (Coruche) – rea-



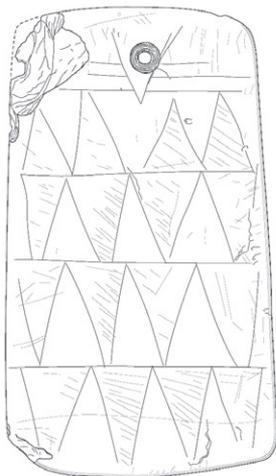
Lameira
MMFF 8326



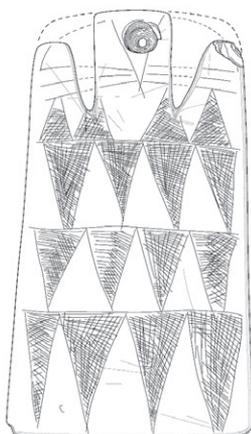
Charneca das Vinhas



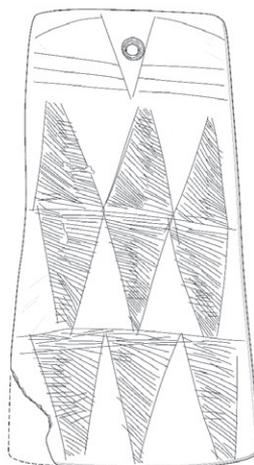
Terras da Azinheira



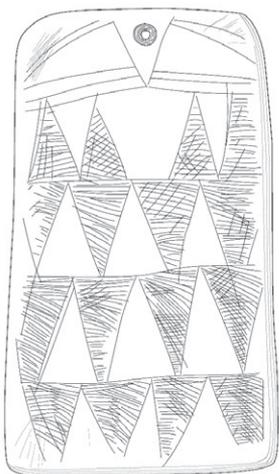
São Gens 2



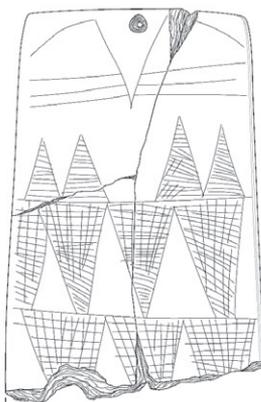
Castelo de Vide
MAC ARQ.1



Cabeço
MSG 35.8



Couto de Biscaia 1



Couto de Biscaia 1

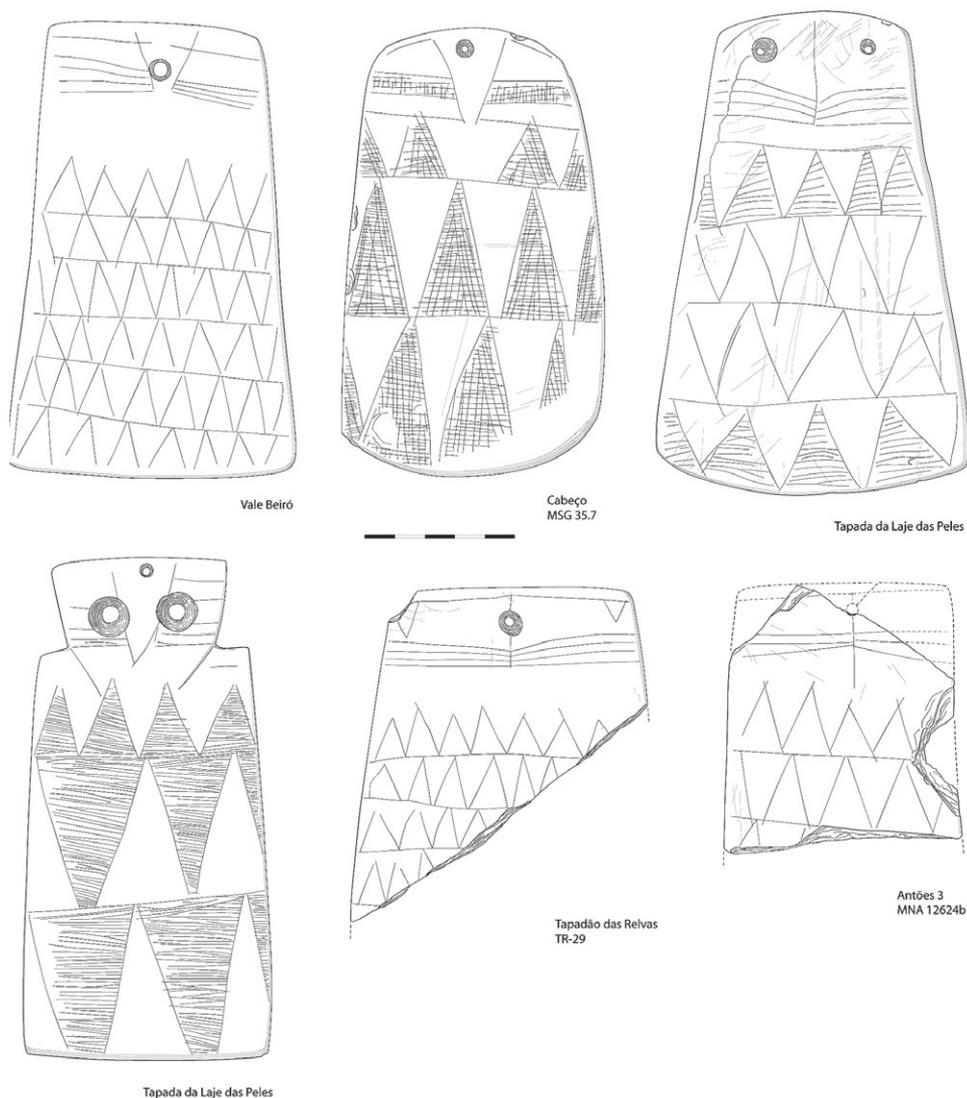


Fig. 25 – Variantes de placas de xisto gravadas morfologicamente semelhantes à placa MMFF 8326 da Herdade da Lameira. 1: Vale Beiró (desenhado a partir de Gonçalves, 2011, p. 167, fig. 6.9); 2: Cabeço (MSG 35.7); 3: Tapada da Laje das Peles (desenhada a partir de Isidoro, 1971, fig. 27); 4: Tapadão das Relvas (redesenhado a partir de Oliveira, 1998); 5: Antões 3 (MNA 12624b, completada com o desenho apresentado em Correia, 1921, p. 56, fig. 45).

<

Fig. 24 – Placas de xisto gravadas morfologicamente semelhantes à placa MMFF 8326 da Herdade da Lameira (1). 2: Charneca das Vinhas (redesenhada a partir de Caninas et al., 2011, p. 133, fig. 26); 3: Terras da Azinheira (redesenhada a partir de Caninas e Henriques, 1994, fig. 3); 4: São Gens 2 (redesenhada a partir de Oliveira, 1999-2000, p. 202); 5: Castelo de Vide (MAC ARQ.1); 6: Cabeço (MSG 35.8); 7: Couto de Biscaia 1 (desenhado a partir de Isidoro, 1971, fig. 15a); 8: Couto de Biscaia 1 (desenhado a partir de Isidoro, 1971, fig. 15b).

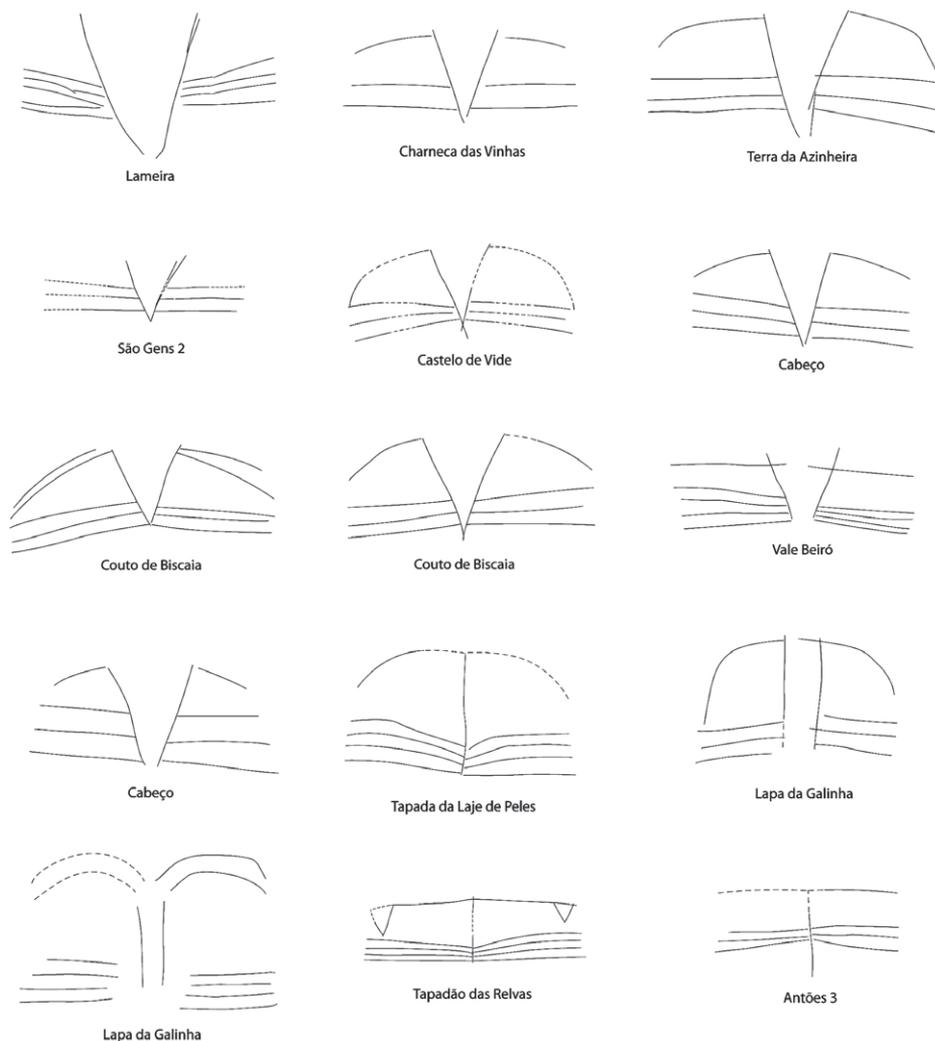


Fig. 26 – Composição esquemática da representação facial patente na Cabeça das placas apresentadas nas figuras anteriores. De notar a semelhança da placa da anta do Cabeço (MSG 35.7) após limpas as faixas preenchidas. Apresenta-se igualmente a comparação com as placas de Tapada da Laje das Peles e Lapa da Galinha.

firmando mais uma vez, excluindo o caso de Vale Beiró (encontrando-se o monumento de Antões 3 numa clara área de transição), a sua predominância no espaço megalítico alto-alentejano.

Na primeira placa, os traços correspondentes às pinturas/tatuagens faciais são substituídos por uma faixa horizontal preenchida – no entanto, se limparmos esta faixa do seu preenchimento e associarmos os seus traços delimitadores ao falso separador Cabeça/Corpo, o que temos são precisamente três traços partindo do V central (é certo que se encontram um pouco mais afastados entre si do que nas restantes placas, não deixando de ser sempre três traços). Seja como

for, esta placa poderá ser reflexo da transição entre as placas de faixa única e as placas ditas clássicas.

Nas placas de Tapada da Laje das Peles, Tapadão das Relvas e Antões 3, o V central é substituído por um traço único vertical, óbvia representação de nariz, do qual partem três ou quatro traços sensivelmente horizontais representando as pinturas/tatuagens faciais. Assim como na placa da anta de Terras da Azinheira, os olhos encontram-se sugeridos pela dupla perfuração na placa de Tapada da Laje das Peles – sendo que em outra placa proveniente de Tapada da Laje das Peles (com aparente uniformidade conceptual na decoração da Cabeça, aqui representada na fig. 25:4) o antropomorfismo é bastante mais evidente por meio do reaproveitamento que lhe conferiu novo contorno (à semelhança da placa de Castelo de Vide).

Uma outra variante poderá ser encontrada ainda em dois exemplares, ambos de recorte antropomórfico, da gruta da Lapa da Galinha (Alcanena). Em ambas placas, o traço simples representando o nariz que figura na placa de Tapada da Laje das Peles é substituído por duplo traço vertical – sendo que num dos exemplares desta gruta as arcadas supraciliares são igualmente representadas em duplicado. Estes motivos em ambas as placas encontram-se associados a outros motivos singulares – que merecem outro tipo de atenção (Gonçalves et al., 2014).

Com se denota, trata-se de motivos que encontram especial incidência na área megalítica alto-alentejana, mas com clara difusão para outros contextos geográficos. Refira-se, em primeiro lugar, a ocorrência de exemplares similares aos aqui apresentados na área particular de Coruche (em Monte da Barca e Vale Beiró), entendida como óbvia área de charneira no eixo de circulação entre o Alentejo e a península de Lisboa durante o Neolítico e o Calcolítico. Esta evidente circulação de gentes, bens e ideias, ligando ambas áreas culturais, lê-se em alguns fatores particulares facilmente identificáveis.

As características «tipicamente» alto-alentejanas das placas de xisto gravadas da Lapa da Galinha e gruta da Marmota (Alcanena), lidas principalmente nas placas fenestradas e restantes placas antropomórficas (às quais se associa a presença de placas de grés em ambas grutas), assim como a presença de vasos carenados de *tipo Crato/Nisa* na Lapa da Bugalheira e Buraca da Moura da Rexaldia (Torres Novas) sugerem contactos entre as comunidades alto-alentejanas e estremenhas (sejam quais forem os moldes em que terão ocorrido e motivados possivelmente pelo intercâmbio sílex/anfibolito) – contactos estes já defendidos com base nas semelhanças morfológicas entre certos artefactos votivos incluídos nos rituais funerários de ambas as áreas (Andrade, 2009; Andrade et al., 2010) e comprovados com recentes análises isotópicas realizadas sobre restos humanos provenientes de contextos funerários estremenhos (Waterman et al., 2013).

Poderão tais ocorrências materializar caminhos de troca esboçados ao longo do Tejo e cursos de água paralelos (Rio Sorraia e Ribeira de Muge, por exemplo), manifestados possivelmente pelos enterramentos culturalmente megalíticos de Monte da Barca (Coruche), Vale de Cavalos (Chamusca) e Martim Afonso (Salvaterra de Magos), assim como pelos povoados de Cabeço do Pé da Erra (Coruche), Cabeço da Bruxa (Alpiarça), Sobral do Martim Afonso e Porto do Sabugueiro 2 (Salvaterra de Magos) e Monte da Quinta 2 (Benavente) – contextos estes que revelam claras influências alentejanas lidas no conjunto da cultura material (cf. Andrade et al., no prelo; Gonçalves, 1982 e 1983-84; Gonçalves, 2011; Kalb e Höck, 1981-82; Parreira, 1987; Valera et al., 2007).

Por outro lado, a placa de Charneca das Vinhas (Caninas *et al.*, 2011), aparentemente similar à placa MMFF 8326 da anta da Herdade da Lameira, apesar de muito fragmentada, reforça mais uma vez as relações das comunidades megalíticas alto-alentejanas com a baixa pene-planície albacastrense e regiões confinantes – já evidenciadas nos monumentos do Amieiro e Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova) e nos povoados de Cabeço da Velha e Charneca do Fratel (Vila Velha de Ródão) ou Monte do Trigo (Idanha-a-Nova), onde foi possível evidenciar algumas influências alentejanas nos espólios recuperados (Cardoso, 2008; Cardoso et al., 2003; Cardoso et al., 1998; Soares, 1988; Vilaça, 2008). Estes dados configuram assim um eixo de circulação entre Alto Alentejo e Beira Baixa, possivelmente relacionado com rotas de transumância em uso até ao século XIX, sendo a travessia do Tejo efetuada em Vila Velha de Ródão/Nisa (Silbert, 1978).

Teríamos assim esboçadas, mesmo que delineadas a nível teórico, duas linhas de trânsito principais no Sudoeste peninsular durante o Neolítico final e o Calcolítico: uma no sentido transversal do território, ligando o Alentejo à Estremadura; outra no sentido longitudinal do território, ligando o Alentejo à Beira Baixa. Seja como for e neste contexto, um denominador comum parece influenciar individualmente a execução das placas MNA 8218 e MMFF 8326 e dos seus homólogos, revelando um claro ecumenismo simbólico-ritual no qual o conjunto da anta da Herdade da Lameira se inscreve sem reservas, materializado precisamente na definição destes eixos de movimentação e consequentes padrões dinâmicos de mobilidade das antigas comunidades camponesas.

Coruche, julho de 2013.
Revisto em janeiro de 2014.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, M. A. (2009) – *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo, Portugal): definição e caracterização do fenómeno de «megalitização» da paisagem na área austral do Norte alentejano*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Policopiado.
- ANDRADE, M. A. (2011) – Fronteira megalítica: algumas considerações gerais (enquanto as particulares não estão ainda disponíveis) a respeito das «necrópoles megalíticas» da área do Concelho de Fronteira. In CARNEIRO, A.; OLIVEIRA, J.; ROCHA, L.; MORGADO, P., coords. – *Arqueologia do Norte Alentejano. Comunicações das 3.^{as} Jornadas*. Lisboa: Edições Colibri. p. 63-82.
- ANDRADE, M. A. (2013) – Em torno ao conceito de necrópole megalítica na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo, Portugal): monumentos, espaços, paisagens e territórios. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., coords. – *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 417-426.
- ANDRADE, M. A. (2014) – Contextos perdidos, obscurantismos helénicos: espólio de um monumento megalítico de Alter do Chão pertencente à colecção de Manuel Heleno. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 17, p. 35-60.
- ANDRADE, M. A.; MAURÍCIO, J.; SOUTO, P. (2010) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 1: Estudo morfo-tipológico de duas placas de xisto gravadas provenientes da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Chancelaria, Torres Novas). *Nova Augusta*. Torres Novas. 22, p. 241-261.
- ANDRADE, M. A.; NEVES, C.; LOPES, G. (no prelo) – Beyond the Mesolithic shell-middens: a chrono-cartographic overview of the ancient peasant communities in Muge. *Muge 150th: Conference on the 150th Anniversary of the Discovery of the Shellmiddens at Muge*.
- BOAVENTURA, R. (2006) – Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 21. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, p. 61-74.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1988) – *Los dólmenes de Valencia de Alcantara*. Madrid: Ministerio de Cultura. (*Excavaciones Arqueológicas en España*; 155).
- CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F. (1994) – Um conjunto de placas de xisto gravadas do Nordeste alentejano. *Ibn Maruán*. Marvão. 4, p. 147-156.
- CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F.; CARDOSO, J. L. (2011) – The Tumulus at Charneca das Vinhas (Vila Velha de Ródão, Portugal). In BUENO RAMIREZ, P.; CERRILLO CUENCA, E.; GONZALES CORDERO, A., eds. – *From the Origins: The Prehistory of the Inner Tagus Region*. Oxford: Archaeopress. p. 111-139 (BAR International Series; 2219).
- CARDOSO, J. L. (2008) – The Megalithic Tombs of Southern Beira Interior, Portugal: recent contributions. In BUENO-RAMIREZ, P.; BARROSO-BERMEJO, R.; BALBÍN-BERHMANN, eds. – *Graphical Markers and Megalith Builder in the International Tagus, Iberian Peninsula*. Oxford: Archaeopress. p. 103-115 (BAR International Series; 1765).
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F. (2003) – Investigações recentes do Megalitismo funerário da região do Tejo internacional (Idanha-a-Nova). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.^a série, 21, p. 151-207.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, C. T.; CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F. (1998) – A ocupação neolítica do Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3-4, p. 61-81.
- GONÇALVES, V. S. (1982) – O povoado calcolítico do Cabeço do Pé da Erra (Coruche). *Clio*. Lisboa. 4, p. 7-18.
- GONÇALVES, V. S. (1983-84) – Cabeço do Pé da Erra (Coruche), contribuição da Campanha 1 (83) para o conhecimento do seu povoamento calcolítico. *Clio/Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 69-75.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 1: Deusa(s) Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 289-302.
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Revendando as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Uniarq/INIC. (Cadernos da Uniarq; 2).

- GONÇALVES, V. S. (1993) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3: A Deusa dos Olhos de Sol, um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. 5.ª série, 15, p. 41-47.
- GONÇALVES, V. S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- GONÇALVES, V. S. (2003) – *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 32).
- GONÇALVES, V. S. (2004) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 5: o explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 165-183.
- GONÇALVES, V. S. (2011) – *As placas de xisto gravadas (e os báculos) do sítio do Monte da Barca (Coruche)*. Lisboa: Uniarq. (Cadernos da Uniarq; 7).
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. A. (2014) – Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto. 2: Antas inéditas do grupo megalítico de Crato-Nisa (Anta das Romeiras e Anta da Ferranha). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 17, p. 61-94.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2014) – As placas votivas (e o báculo) da Lapa da Galinha (Alcanena, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 129-158.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2003) – A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série, 21, p. 209-244.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2005) – As notáveis placas votivas da Anta dos Cabacinhitos (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 43-109.
- GONÇALVES, V. S.; TREINEN-CLAUSTRE, F.; ARRUDA, A. M. (1981) – Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), campanha 1-(81). *Clio*. Lisboa. 3, p. 153-164.
- GONÇALVES, V. S.; TREINEN-CLAUSTRE, F.; ARRUDA, A. M. (1983-84) – Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), campanha 3 (83). *Clio/Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 229-230.
- GONÇALVES, V. S.; TREINEN-CLAUSTRE, F.; ARRUDA, A. M.; ZAMMIT, J. (1983-84) – Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), campanha 2 (82). *Clio/Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 225-227.
- ISIDORO, A. F. (1962) – Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo). *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. 44, p. 5-27.
- ISIDORO, A. F. (1963a) – Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo). Novos elementos. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 19:1, p. 71-75.
- ISIDORO, A. F. (1963b) – Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo). Novos elementos (II). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 19:2, p. 174-177.
- ISIDORO, A. F. (1964) – Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo). Novos elementos (III). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 19:3-4, p. 353-359.
- ISIDORO, A. F. (1965-66) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 20:1-2, p. 29-57.
- ISIDORO, A. F. (1966) – Contribuição para o estudo da Arqueologia do concelho de Alter do Chão (Alto Alentejo). *Lucerna*. Porto. 5, p. 384-414. Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia.
- ISIDORO, A. F. (1967-68) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – II. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22, p. 285-297.
- ISIDORO, A. F. (1970) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – III. *Trabalhos de Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»*. Porto. 6, p. 3-18.
- ISIDORO, A. F. (1971) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – IV. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22:1, p. 41-56.
- ISIDORO, A. F. (1973a) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – V. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22:2, p. 107-123.

- ISIDORO, A. F. (1973b) – Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo). Novos elementos (IV). *Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa*. Porto. 20, p. 3-5.
- ISIDORO, A. F. (1975) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – VI. *Trabalhos do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»*. Porto. 29, p. 3-13.
- KALB, Ph.; HÖCK, M. (1981-82) – Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito de Santarém). Relatório preliminar das escavações de Janeiro e Fevereiro de 1979. *Portugalia*. Porto. 2-3, p. 61-69.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walther de Gruyter & Co. 1:2.
- OLIVEIRA, C. D.; OLIVEIRA, J. (2000) – Continuidade e rupturas do Megalitismo no distrito de Portalegre. In JORGE, V. O., coord. – *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Vol. 3. Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: ADECAP. p. 459-471.
- OLIVEIRA, J. (1998) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Edições Colibri. Vol. 1.
- OLIVEIRA, J. (1999-2000) – A anta II de S. Gens (Nisa). *Ibn Maruan*. Marvão. 9-10, p. 181-238.
- OLIVEIRA, J. (2000) – Economia e sociedade dos construtores de megálitos da bacia do Sever. In JORGE, V. O., coord. – *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Vol. 3. Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: ADECAP. p. 429-444.
- OLIVEIRA, J. (2006) – *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agro-pastoris*. Lisboa: Edições Colibri; Évora: Universidade de Évora.
- OLIVEIRA, J. (2012) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever* [CD-ROM]. Évora: CHAIA; Marvão: Câmara Municipal. 2-3.
- PARREIRA, R. (1987) – Calcolítico do Vale do Tejo. In SILVA, A. C., coord. – *Arqueologia no Vale do Tejo*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural. p. 44-47.
- PARREIRA, R. (1996) – *O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo): contribuição para o registo das antas portuguesas*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia. Policopiado.
- ROCHA, A. S. (1908) – Placas de suspensão neolíticas. *Boletim da Sociedade Archaeologica Santos Rocha*. 1:6, p. 174-175.
- ROCHA, L. (2002) – A anta do Couto dos Algarves 2 – Crato. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série, 20, p. 39-60.
- SILBERT, A. (1978) – *Le Portugal méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime. XVIII^e-Début du XIX^e siècle. Contribution à l'histoire agraire comparée*. Lisboa: INIC.
- SOARES, J. (1988) – O povoado da Charneca do Fratel e o Neolítico final/Calcolítico de Ródão-Nisa: notícia preliminar. *Alto Tejo*. Vila Velha de Ródão. 2, p. 3-6.
- VALERA, A. C.; TERESO, J.; REBUGE, J. (2007) – O Monte da Quinta 2 (Benavente) e a produção de sal no Neolítico Final/Calcolítico do estuário do Tejo. In BICHO, N.; VERÍSSIMO, H., eds. – *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica*. Faro: Universidade do Algarve. p. 291-305 (Promontoria Monográfica; 4).
- VASCONCELLOS, J. L. (1896) – Acquisições do Museu Ethnographico Português. *O Archeólogo Português*. Lisboa. Série I, 2:10-11, p. 245-247.
- VASCONCELLOS, J. L. (1927-29) – Antiguidades do Alentejo. III – Espólio d'uma anta de Monte Redondo. *O Archeólogo Português*. Lisboa. Série I, 28, p. 169-170.
- VILAÇA, R. (2008) – The Chalcolithic in Beira Interior (Central Portugal): data and problems. In BUENO-RAMIREZ, P.; BARROSO-BERMEJO, R.; BALBÍN-BERHMANN, eds. – *Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. Oxford: Archaeopress, p. 157-170. (BAR International Series; 1765).
- WATERMAN, A. J.; PEATE, D. W.; SILVA, A. M.; THOMAS, J. T. (2013) – In search of homelands: using strontium isotopes to identify biological markers in late prehistoric Portugal. *Journal of Archaeological Science*. 42, p. 119-127.